

Na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra, diz estudo

Levantamento realizado pelo Insper mostra que homens brancos com ensino superior têm um salário médio 159% maior do que o das mulheres negras que também cursaram faculdade.

[\(G1 | 15/09/2020 | Por Anna Carolina Papp, Bianca Lima e Luiz Guilherme Gerbelli\)](#)

O diploma de ensino superior ainda não é capaz de garantir uma inserção justa das mulheres negras no mercado de trabalho do Brasil. Um levantamento realizado pelo Insper mostra que, a depender da profissão, um homem branco chega a ganhar mais que o dobro do que elas recebem para executar o mesmo trabalho.

O levantamento do Insper apurou o salário por raça e gênero no país e também fez o detalhamento para cinco profissões: engenheiros e arquitetos, médicos, professores, administradores e cientistas sociais. Em todas, as mulheres negras recebem menos do que homens - tanto brancos como negros - e do que mulheres brancas.

[**Acesse a matéria completa no site de origem.**](#)

Projeto prevê que União inclua mulheres e negros em suas

campanhas publicitárias

[\(Senado Notícias | 08/09/2020\)](#)

O senador Fabiano Contarato (Rede-ES) apresentou um projeto de lei, o [PL 4.403/2020](#), que determina que a União deve incluir pessoas negras e mulheres em seus anúncios e campanhas publicitárias. De acordo com o projeto, os anúncios e as campanhas publicitárias financiados com recursos públicos federais deverão apresentar pelo menos 56% de pessoas pretas ou pardas e pelo menos 51% de mulheres. O texto permite que essas porcentagens sejam atualizadas, mas somente mediante decreto e “quando corresponderem à pesquisa demográfica mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE”.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Câmara aprova projeto que proíbe trabalho presencial de grávidas durante a pandemia

Gestantes poderão trabalhar à distância enquanto durar estado de calamidade

[\(O Globo | 26/08/2020 | Por Bruno Góes\)](#)

A Câmara dos Deputados aprovou nesta quarta-feira um projeto de lei que proíbe o trabalho presencial de mulheres grávidas durante a pandemia. A proposta, que agora segue para o Senado, permite que essas mulheres possam ficar à “disposição para exercer as atividades em seu domicílio, por meio de teletrabalho, trabalho remoto ou outra forma de trabalho à distância”.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Arquitetas negras sofrem 16 vezes mais assédio sexual no trabalho do que homens brancos, diz pesquisa

Levantamento feito pelo CAU/BR revela, também, que homens brancos ganham quase o dobro do salário de mulheres negras na mesma profissão

[\(Casa Vogue | 12/08/2020 | Por Luiza Queiroz\)](#)

Uma pesquisa realizada pelo CAU/BR (Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil) fez uma avaliação a respeito das condições de trabalho para homens e mulheres no ramo da Arquitetura e Urbanismo no Brasil e constatou que a maior discrepância está entre o assédio (sexual e moral) sofrido no ambiente de trabalho: 31% das mulheres participantes relatam terem sido vítimas de assédio moral, contra 18% dos homens. Já 8% das mulheres afirmaram ter sofrido assédio sexual, contra 1% dos homens. E não só isso: quando analisados os dados a partir do perfil étnico dos participantes, a discrepância é ainda maior, com as mulheres negras sofrendo 16 vezes mais assédio sexual do que homens brancos enquanto trabalhavam. A diferença salarial entre homens e mulheres dentro do ramo também segue o mesmo padrão: considerando apenas o gênero, homens ganham, aproximadamente, R\$ 1.700 a mais do que mulheres. Entre mulheres negras e homens brancos, novamente, a diferença é ainda maior, com o salário delas sendo quase metade do que ganham os colegas masculinos e brancos.

[**Acesse o artigo completo no site de origem.**](#)

Transexuais e travestis poderão ter nome social na carteira de trabalho

Acordo entre AGU, Secretaria de Trabalho e Defensoria Pública da União possibilitou medida; Secretaria tem 180 dias para aplicá-la.

[\(HuffPost| 11/08/2020 | Andréa Martinelli\)](#)

Trabalhadores transexuais e travestis ganharam, nesta terça-feira (11), o direito de usar o nome social na carteira de trabalho. A medida é [resultado de acordo](#) entre a AGU (Advocacia Geral da União), DPU (Defensoria Pública da União) e a Secretaria de Trabalho e Previdência Social do Ministério da Economia.

[Segundo informações dos órgãos](#), a resolução foi motivada por uma ação da Defensoria Pública da União, que ingressou com uma ação na Justiça Federal de Roraima para que o nome social fosse incluído no documento sempre que fosse solicitado. Como houve o acordo, ele passa a valer para todo o País.

[Acesse o artigo completo no site de origem.](#)

Silvia Federici: ‘Sem o trabalho doméstico, o mundo não se move’

Filósofa italiana, autora do consagrado ‘Calibã e a Bruxa’, afirma que efeitos mais severos da pandemia vividos por mulheres ao redor do mundo não são uma surpresa e que não é possível atingir emancipação feminina no sistema

capitalista

[\(O Globo/Celina | 08/08/2020 | Por Leda Antunes\)](#)

Em todo o mundo, as mulheres formam um dos grupos mais afetados pela crise sanitária e econômica causada pela pandemia do novo coronavírus. Elas estão mais expostas à pobreza, à sobrecarga de trabalho doméstico e ao desemprego, o que pode empurrá-las a casamentos forçados e impedi-las de ter acesso à saúde reprodutiva. Mas tudo isso não é uma surpresa. Para a filósofa italiana Silvia Federici, 78 anos, uma das mais relevantes autoras feministas da atualidade, a Covid-19 apenas colocou uma lupa sobre uma crise vivenciada pelas mulheres há muito tempo.

A pesquisadora, que nos anos 1970 fez parte do movimento Wages for Housework, que reivindicava o pagamento de um salário para as donas de casa, um tema que voltou à tona com o confinamento, afirma que o sistema capitalista depende do trabalho não remunerado das mulheres para acumular valor, e que esta exploração está ainda mais evidente agora.

[**Acesse o artigo completo no site de origem.**](#)

Pesquisa mostra que 70% das mulheres estão mais cansadas hoje do que antes da pandemia

Estudo feito pela organização espanhola Malasmadres também indica que 86% das mulheres estão se sentindo apáticas, tristes e desmotivadas durante o confinamento imposto pelo novo coronavírus

[\(O Globo/Celina | 06/08/2020\)](#)

[A pandemia de coronavírus não está apenas deixando para trás sequelas físicas \(em alguns casos terríveis\), mas também sequelas psíquicas](#) em toda a população; e as mães não escapam a esse sofrimento, porque a crise da saúde levou o trabalho de cuidado a outro nível. Desde 14 de março, quando

as famílias foram submetidas a um confinamento obrigatório e necessário, ao fechamento de escolas, à proibição de as crianças saírem, e mães e pais passaram a ser professores, cozinheiros e cuidadores, os níveis de o estresse emocional tem aumentado. E, embora tenha afetado ambos os sexos, parece que esse sofrimento foi maior nas mulheres.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Pesquisa aponta que afazeres domésticos dificultam home office para 64,5% das mulheres

Pesquisa Datafolha para banco C6 sobre trabalho na pandemia mostra ainda que 40% tiveram o sustento da casa em risco

[\(Folha de S. Paulo | 05/08/2020 | Fernanda Mena\)](#)

No contexto da pandemia, quando o assunto são finanças, vida profissional e cuidados com a casa e com a família, as [mulheres brasileiras estão mais estressadas](#) e ansiosas que os homens, como aponta pesquisa inédita do Datafolha. Isso porque, além das crises sanitária, financeira e de trabalho, a pandemia da Covid-19 embaralhou fronteiras entre vida pessoal e profissional, deflagrando uma crise do cuidado. De acordo com a pesquisa, encomendada pelo C6 Bank, 57% das mulheres que [passaram a trabalhar em regime de home office](#) disseram ter acumulado a maior parte dos cuidados com a casa. Entre os homens, este percentual é de 21%.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Sob pressão, empresas encaram a diversidade e mudam estruturas para contratar mais negros, mulheres e LGBTQTs

Mundo corporativo começa a ir além do marketing contra racismo, machismo e homofobia não só para ficar bem na foto. Descobriu que é bom para os negócios

[\(O Globo/Celina | 02/08/2020 | Por Karen Garcia e Raphaela Ribas\)](#)

Com a pressão crescente de consumidores, clientes, movimentos sociais e dos próprios empregados, grandes empresas começam a dar um passo além das peças de marketing e das boas intenções na direção da [diversidade](#) em seus quadros funcionais. Causas contra o [racismo](#), a desigualdade de [gênero](#) e a [LGBTfobia](#) começam a se refletir no ambiente corporativo de forma mais estruturada, com metodologias, investimentos e metas. E não é só para [ficar bem na foto](#) e reduzir riscos à reputação.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Como o debate sobre a volta às aulas impacta a vida das mães solo

Sem o apoio das escolas, muitas mulheres que chefiam sozinhas suas famílias se viram desamparadas durante a pandemia; ao mesmo tempo, retomada das aulas presenciais gera preocupações por riscos de ampliar contágio por Covid-19

(O Globo/Celina | 31/07/2020 | Por Leda Antunes)

Desde a segunda quinzena de março, quando as aulas presenciais na escola particular onde o filho de 7 anos estuda foram suspensas, a empreendedora carioca Caroline Reis se viu desamparada. Mãe solo, assim como outras [11 milhões de mulheres brasileiras](#), ela é única responsável pelo sustento do filho e da casa e, com o [fechamento da escola](#), perdeu o único apoio que tinha para dividir a carga de cuidado com a criança.

— Antes da pandemia, a única ajuda que eu tinha vinha da escola. Antes ele estudava em período integral enquanto eu trabalhava e fazia faculdade — diz a empreendedora.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)